



## “ENTREM E PERMANEÇAM NA MINHA CASA!” (AT 16,15): LÍDIA COMO MODELO PARA O MINISTÉRIO FEMININO ORDENADO

“Come in and stay in my house!” (Acts 16:15):

Lydia as a model for ordained women’s ministry

Ivoni Richter Reimer\*

**Resumo:** Este ensaio, produzido com base na conferência pronunciada no III Encontro Nacional de Ministras da IECLB, aborda o tema-lema do Encontro, que toma a palavra de Lídia (Atos 16,15) como referência. Compreende essa palavra no contexto literário e sociocultural por meio de abordagem exegética e hermenêutica feminista. Destaca a liderança profissional e religiosa de Lídia junto ao grupo de mulheres em Filipos, a ação da Ruah divina na proclamação da boa nova por Paulo, o batismo de Lídia e sua ‘casa’ e a igreja que se forma naquela casa de mulheres. A fidelidade ao Senhor Jesus é argumento para hospedagem solidária e protetora de Paulo e Silas no contexto político-militar da colônia romana Filipos. Tomar Lídia como modelo para ministério ordenado de mulheres é ousadia e testemunho, que considera passado, presente e futuro como lugares-espacos de concretização do amor de Deus em meio e por meio de nós.

**Palavras-chave:** Lídia. Atos 16,11-15.40. Hermenêutica e exegese feministas. Mulheres. Liderança.

**Abstract:** This essay, produced on the basis of the lecture given at the III National Meeting of Women Ministers of the IECLB, addresses the motto of the meeting, which takes the word of Lydia (Acts 16:15) as a reference. It understands this word in the literary and sociocultural context through a feminist exegetical and hermeneutic approach. It highlights Lydia’s professional and religious leadership with the group of women at Philippi, the action of the divine Ruah in Paul’s proclamation of the good news, Lydia’s baptism and that of her ‘house’ and the church that is formed in that women’s house. The fidelity to the Lord Jesus is an argument for supportive and protective hosting of Paulo and Silas in the political-military context of the Roman colony Philippi. Taking Lydia as a model for women’s ordained ministry is boldness and witness, which considers past, present and future as places-spaces of realization of God’s love in and through us.

**Keywords:** Lydia. Acts 16:11-15:40. Feminist hermeneutics and exegesis. Women. Leadership.

\* Pastora voluntária emérita na IECLB. Graduada em Teologia (EST), doutora em Ciências da Religião/Teologia (Universität Kassel), com pós-doutorado em Ciências Humanas (UFSC). Docente no PPGCR da PUC Goiás. Bolsista Produtividade CNPq. E-mail: ivonirr@gmail.com

## Adentrando nossa casa com celebração e reflexão

Queridas colegas, quero andar um pedaço da minha caminhada de vida e pesquisa com vocês. Para esse III Encontro de Ministras da IECLB<sup>1</sup>, em que celebramos 40 anos de ordenação, foi-me solicitado que fizesse um estudo bíblico sobre At 16,15. Na abertura do Encontro, durante a tarde, já pudemos vivenciar parte do enunciado “Entrem e permaneçam em minha casa!”. Experimentamos a energia que pode emanar de um texto, e já sentimos um bocado do vento-brisa da *Ruah* divina que anima e encoraja para dizermos e fazermos o que Lídia disse e fez...

Exatamente por isso, quero convidar vocês para adentrar essa memória de vida e de fé para compreender aquele enunciado de Lídia como texto sagrado, paradigmático, contextualizado em certa realidade e escrito para determinadas pessoas que, em específicos lugares, viviam sua fé, suas alegrias e dificuldades. Chegar à compreensão desse texto é tarefa da exegese. Quero começar com ela para, então, conversarmos em perspectiva hermenêutica, e, no segundo momento dessa noite, perguntarmos também o que o texto e esse enunciado específico podem significar para nós.

## Resultados da análise exegética do texto

Começo, portanto, com a abordagem exegética em perspectiva feminista<sup>2</sup>, como porta de entrada para compreender um texto, considerando também o contexto a partir do qual eu adentro a narrativa. Assim, com base em pesquisa realizada<sup>3</sup>, quero lhes apresentar a casa, a partir da qual se faz o convite, nesse tempo de comemoração dos 40 anos de ministério ordenado de mulheres na IECLB: “Entrem e permaneçam na minha casa!”. Primeiramente, pergunto, pois, pela **casa de At 16,15**: que casa era aquela? De quem era a casa? Quem fazia parte da casa? Por que e para que se fez o convite-ordenação de entrar e permanecer na casa? Quem fez o convite? Para quem foi feito o convite? E mais: quais são os fundamentos, a argumentação e o método vinculados ao convite?

Como podemos perceber, um só versículo e uma só frase podem levantar várias questões. E como não é minha praxe olhar apenas um versículo ou uma só frase, considerarei a perícopé toda na análise para a compreensão do versículo e, portanto, do lema-tema escolhido para esse

<sup>1</sup> Esse texto foi originalmente apresentado em forma de palestra no III Encontro Nacional de Ministras da IECLB, realizado em 15 de novembro de 2022, nas dependências do Centro de Espiritualidade Cristo Rei (CECREI) em São Leopoldo/RS, aqui retrabalhado em alguns aspectos.

<sup>2</sup> Acerca disso, ver SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Sílvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese Feminista**: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres. Tradução de Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008, com discussão, exercícios e referências.

<sup>3</sup> Para aprofundar estudos e verificar análise exegética, histórica e inscricional-arqueológica, ver RICHTER REIMER, Ivoni. **Women in the Acts of the Apostles**: a feminist liberation perspective. Translated by Linda M. Maloney. Minneapolis: Fortress Press, 1995, que será pressuposto para essa apresentação.

nosso tempo de comemoração, gratidão e louvor. Vamos começar a caminhada por esse versículo de At 16,15: “Ora, assim que ela e a casa [*oikos*] dela foram batizadas, ela chamou, dizendo: ‘Se julgastes que eu sou fiel ao Senhor, tendo entrado em minha casa, nela permaneçei!’. E ela persuasivamente nos forçou a isso.”<sup>4</sup> (tradução própria)

Vemos, pois, que o nosso lema-tema é apenas uma parte desse versículo, que apresenta o convite com argumentação sólida e com o respectivo método adotado para a realização daquilo que o convite expressou. Informa-se que houve o batismo de uma mulher e da “casa dela” e que, depois disso, essa mulher conclamou um “nós” para que, tendo adentrado sua casa, nela permaneçam.

Até agora, com esse dado apenas, não temos maiores informações sobre quem são e o que aconteceu no contexto da narrativa. Mesmo assim, percebemos que a **argumentação** para esse convite-ordenação é o **centro** desse versículo. Qual é essa argumentação feita pela mulher batizada? “Se julgastes que eu **sou fiel ao Senhor**, tendo entrado na minha casa, permaneçei!”.

O convite baseia num pressuposto. A frase proferida pela mulher significa no mínimo duas coisas: a) o batismo ocorreu após constatação da fidelidade da mulher e da sua casa; b) essa fidelidade é a base para a formulação do convite. O destaque está na afirmação de que a fidelidade é declarada “ao Senhor”, o que pressupõe tratar-se de Jesus Cristo, anunciado por Paulo e Silas. Essa frase da mulher é importante, porque presentifica outras afirmações acerca da fidelidade ao Senhor Jesus, que constam em vários textos bíblicos, explicitamente nos evangelhos e nas cartas paulinas. Essa fidelidade ao Senhor Jesus descarta a fidelidade a outros senhores, e é por isso que Paulo e Silas podem entrar e permanecer naquela casa! O termo utilizado é *pístis*, que significa “fidelidade” e se expressa como “fé”.

É sobre esse fundamento da fidelidade/fé que baseia o batismo e sobre ele é expresso o convite-ordenação feito por aquela mulher. O fundamento, o princípio de “ser fiel ao Senhor” é capaz de oferecer acolhida, segurança, confiabilidade e solidariedade para quem adentra e pode permanecer na casa. O argumento da fidelidade, de ser fiel é sinônimo de crer, ter fé.

Contudo e de acordo com o versículo, esse argumento – fidelidade – por si só parece não ter sido suficiente para a efetivação do convite, porque a mulher teve que insistir e, assim, adotar um método igualmente ou mais convincente para que as pessoas convidadas permanecessem na casa, o que indica para outras questões, pois o texto afirma: “ela nos forçou a isso”. Não bastou, pois, o convite e o argumento da fé/fidelidade que culminou no batismo. Contudo, não é possível saber exatamente como aconteceu esse ‘forçar’, que também pode ser entendido como constranger. Sem dúvida, porém, houve forte insistência.

---

<sup>4</sup> NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara et Kurt. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

O motivo dessa insistência deve ser entendido a partir de outros textos e dentro do contexto da narrativa, como veremos. Até aqui, o resultado é o seguinte: o convite foi feito por uma mulher que foi batizada, e esse batismo ocorreu com base na convicção de que ela era fiel ao Senhor, descartando-se, portanto, fidelidade a outros senhores; nela se poderia confiar e, assim, permanecer na sua casa.

Se ficarmos apenas no versículo 15, não saberemos das realidades de vida importantes para que o convite fosse formulado daquela maneira. Então, o segundo passo na caminhada é perguntar: quem é essa mulher, que casa é essa e quem são as pessoas convidadas? A apresentação dos personagens e do contexto da narrativa é feita no conjunto da perícopre:

[11] E tendo partido de Trôade, navegamos diretamente para Samotrácia, e no dia seguinte, para Neápolis [12] e dali para Filipos, uma cidade da primeira região da Macedônia, uma colônia [romana]. E nessa cidade permanecemos alguns dias. [13] E no dia do sábado, saímos [para fora], pela porta do muro da cidade, para perto do rio, onde julgávamos haver uma sinagoga. E tendo nos assentado, falávamos às mulheres que estavam reunidas. [14] E uma mulher com nome Lídia, produtora e vendedora de produtos de púrpura, da cidade de Tiatira, temente a Deus, ouvia; o Senhor abriu-lhe o coração para compreender o que era anunciado por Paulo. (tradução própria)

Lendo o texto maior, sabemos de que mulher batizada se trata. Ela é nomeada. Trata-se de Lídia, e ela é caracterizada em nível religioso, étnico e profissional, juntamente com o grupo de mulheres. Vejamos, novamente passo a passo, buscando sorver o conteúdo das palavras, suas complexidades e belezas.

### Caracterização religiosa de Lídia e seu grupo

Lídia é uma **“temente a Deus”** (*seboméne tón Theón*). Em Atos dos Apóstolos, esse termo, ao lado de *fobúmenoí tón Theón*, é usado sempre para pessoas convertidas ao judaísmo, que participavam da vida religiosa, partilhando usos e costumes; os homens não precisavam realizar a circuncisão<sup>5</sup>. Essas pessoas convertidas aprendiam as Escrituras Sagradas e, portanto, conheciam as profecias e as promessas acerca do Messias. De acordo com Atos dos Apóstolos, era principalmente junto a essa gente que começava a missão cristã, como a realizada por Paulo e Silas, mas também por Priscila e Áquila e tantas outras mulheres e homens: nos lugares onde chegavam, buscavam o contato com comunidade judaica (At 13,14.43; 17,1-3, entre outros). Lídia, pois, era uma mulher que se converteu ao judaísmo e, assim, conhecia as Escrituras e as práticas judaicas, e delas participava. Entre essas práticas – e o que aqui interessa – está o descanso sabático e o culto sinagoga sabático.

<sup>5</sup> Para essa total observância de rituais judaicos, os convertidos eram caracterizados com o termo *prosélytai* “prosélitos” (At 2,11; 6,5; 13,43).



O texto mostra que todo o movimento se dá num sábado, e o sopro da *Ruah* divina se fez presente naquele espaço-tempo: Como temente a Deus e praticante da religião judaica, também Lídia aguardava a manifestação do Messias, Filho de Deus. E ela creu nas palavras proferidas por Paulo, quando ele e Silas se juntaram a ela e às mulheres reunidas na sinagoga.

Aqui é importante observar com maior profundidade: Para caracterizar o lugar para onde se dirigiram os missionários, é usado o termo *proseuché*. Em se tratando de uma prática religiosa, significa “oração”. Contudo, aqui se trata de um espaço/lugar, e esta é a única vez que assim é utilizado no Novo Testamento. E isso causa problemas e equívocos interpretativos, como demonstram os comentários bíblicos, que não entendem tratar-se, aqui, de uma sinagoga, de um espaço sinagoga. Porém, ampliando nosso olhar para fora do Novo Testamento, encontramos muitos textos e inscrições judaicas daquela época que utilizavam esse termo sempre como espaço sinagoga, um prédio ou uma construção, onde se reunia a comunidade judaica – também pessoas convertidas. No sábado, nessas *proseuchai* realizava-se culto, com oração, celebração, leitura e interpretação da Escritura; durante a semana, esse espaço era utilizado para atividades sociais e educativas, como hospedagem para migrantes/viajantes, hospital, escola, diaconia etc. Aqui, importa considerar que esse uso comum do termo *proseuché* para caracterização desse espaço sinagoga judaico é reconhecido pela maioria dos comentaristas, mas não para essa passagem bíblica...

O texto afirma que foi ali, como em outros tantos espaços sinagoga, que Paulo se assentou junto à comunidade judaica reunida, aqui uma comunidade exclusivamente de mulheres! Assentar-se e falar nas sinagogas é dado característico não só para ação missionária paulina, mas para a práxis sinagoga de Jesus (Lc 4,16-21). Assim como Lídia, pode-se considerar que o grupo de mulheres também era um grupo de mulheres convertidas ao judaísmo, o que retomaremos mais adiante. E no fundo, é esse o problema que se coloca para os comentaristas dessa passagem bíblica: eles até admitem que em outros lugares o uso do termo *proseuché* se referia à sinagoga, mas aqui não pode ser assim, porque apenas mulheres encontravam-se reunidas, portanto, não pode ser sinagoga!

Porém, observemos: é exatamente esse texto neotestamentário que nos permite questionar exegese, hermenêutica e história patriarcais, que insistem e repetem que no judaísmo mulheres não podiam participar ativamente da sinagoga, da vida religiosa pública, das coisas públicas, estando restritas ao espaço privado e sob controle do marido, pai, irmão, cunhado etc. Aqui nós temos uma **fonte histórica canônica**, que, junto com muitas outras fontes históricas, atesta a existência de um grupo de mulheres no espaço sinagoga, na sinagoga em Filipos. Lídia e as mulheres do grupo estavam reunidas na sinagoga, celebrando culto no sábado! Esse é o texto.

E foi para elas que Paulo, tendo-se assentado junto ao grupo, tomou a palavra, assim como sempre fazia nas outras sinagogas e como Jesus também o fizera, e anunciou a Palavra de Deus,

testemunhando ser Jesus de Nazaré o Messias esperado! Como em tantos outros relatos de Atos dos Apóstolos, também aqui houve adesão ao anúncio da Boa Nova, porque **Deus abriu o coração** de Lídia para acolher essa proclamação! É bonito adentrar essas expressões simbólicas corporais nos textos: Deus abriu o coração de Lídia – o coração era considerado o centro de reflexão e de tomada de decisão! A Palavra adentrou o corpo de Lídia – assim como fizera com Maria (Lc 2,19) – e foi acolhida em seu coração e ela acolheu o anúncio da boa nova, juntamente com a sua casa. E, como veremos abaixo, a sua ‘casa’ era aquele grupo de mulheres reunidas na sinagoga. É esse o grupo que foi batizado por Paulo após a acolhida da Palavra. Portanto, o **segundo resultado** que temos é: o culto sabático sinagoga estava sendo realizado pelas mulheres sob a liderança de Lídia; como em outros lugares, ali foi feito o anúncio da Palavra por Paulo missionário; tudo que aconteceu, porém, foi manifestação da obra salvadora de Deus.

### **Caracterização étnica e abertura de fronteiras**

Quem era a ‘casa’ de Lídia e o que faziam as mulheres naquele lugar? Afirma o texto que Lídia e seu grupo de mulheres estavam em Filipos, uma colônia romana na Macedônia, portanto, uma ‘miniatura de Roma’ em termos de engenharia, de política, de economia, impostos, taxas e de controle militar. Aquelas mulheres não eram dali. Elas eram migrantes, estrangeiras. Lídia é a única mulher nomeada, e o seu nome era um cognome étnico, usado para caracterizar pessoas escravas e libertas oriundas de determinadas regiões: sua terra natal era a cidade de Tiatira, na região de Lídia, na Ásia Menor. Lídia e seu grupo de mulheres eram estrangeiras, migrantes, que professavam a fé judaica e agora se tornaram cristãs: elas eram, assim, um corpo estranho em Filipos, um grupo apenas tolerado (*religio licita*) no contexto do Império Romano e de forma mais intensa naquela colônia romana, visto que não prestavam culto às divindades romanas e nem praticavam seus costumes. Mas por que estariam tão longe de sua terra natal? Por que viajaram tão longe em meio a tantas adversidades e perigos, sem dúvida?

Mulheres viajavam!? E sozinhas?! Isso realmente não cabe no nosso jeito de pensar sobre as mulheres na antiguidade, ainda mais tendo algum vínculo com o judaísmo, visto que aprendemos que mulheres judias estavam sempre presas ou restritas ao espaço doméstico (mas como, se as casas eram muito pequenas...?). O texto desafia a rever (pré)conceitos. A realidade de vida de mulheres que se descortina com esse texto torna-se mais estupenda ainda, quando observarmos as características da profissão de Lídia e de seu grupo de mulheres, a partir do termo técnico utilizado no texto.

## Caracterização profissional e economia de subsistência

O texto informa que Lídia era *porfyrópolis*, um termo difícil de traduzir, pois ele contém uma série de atividades inscritas nele mesmo. A maioria das versões bíblicas e comentários traduzem por “vendedora de púrpura”, o que causa uma série de equívocos interpretativos. Pesquisei textos antigos, como *História Natural*, de Plínio o Velho, inscrições antigas e muita bibliografia da área da História Antiga para entender a profissão de Lídia. Com base nisso (ver nota no início do texto), posso reconstruir sua profissão como manufatureira, artesanal, de produção de fios e tecidos com tinturas vegetais, sendo que também a venda dos seus produtos está subsumida no termo. Esse grupo trabalhava na confecção de tendas e roupas de cor purpúrea, extraída de vegetais, sendo esse, aliás, um trabalho típico de pessoas escravas e libertas. Esse trabalho, de acordo com o filósofo Cícero, era desprezado pelos cidadãos romanos, pois era considerado trabalho sujo e indigno de pessoas cidadãs, também porque era realizado nas periferias das cidades e se utilizava urina para fixar a tintura nos fios e tecidos...

Contudo, a maioria dos comentários bíblicos pressupõe que Lídia era vendedora de produtos de luxo, porque ‘vendia púrpura’... Como entender isso? Nesse tocante, é importante observar outra informação que o texto fornece: Lídia era oriunda de Tiatira. A pesquisa demonstra que a profissão em questão era muito intensa naquela região, e que a púrpura ali era extraída de feita de vegetais. Aqui é importante considerar que havia, no mínimo, dois tipos de púrpura naquela época, o que comumente não é considerado pelos comentários: uma é a púrpura especial, extraída de moluscos, caracóis marítimos na região de Tiro e Sidom, a qual era utilizada para confeccionar roupas luxuosas, como mantos de reis etc.; a outra era produzida com base na tintura purpúrea extraída de vegetais, abundantes na região de Lídia, especificamente em Tiatira, e seus produtos também eram utilizados por pessoas escravas. Essa tintura e todos os trabalhos vinculados à profissão eram realizados por gente humilde, geralmente pessoas escravas ou libertas, desprezadas no contexto do império romano. Esse dado, junto com o fato de que o nome Lídia era um cognome dado a pessoas escravas, para indicar a região de onde provinham, remete a outro resultado de pesquisa. Vejamos:

A profissão *porfyrópolis* corresponde ao latim *purpurarius/a*, e compreendia todas as atividades que iam desde a coleta de vegetais, preparo da tintura, tingimento de linhas e lãs, tecimento de tecidos, confecção de roupas e tendas e venda dos produtos, para o que também era necessário viajar. Havia rotas comerciais no entorno do Mar Mediterrâneo, que também eram utilizadas por pessoas tecelãs como Paulo, Priscila, Áquila...<sup>6</sup>. Tudo isso remete para outro aspecto vinculado à profissão de Lídia, que são as fortes organizações de mulheres e de homens em

---

<sup>6</sup> Acerca disso, ver RICHTER REIMER, Ivoni. Aspectos Geopolíticos y Socioculturales en Hechos 16. **RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, Quito, v. 72, p. 135-151, 2015, com informações sobre a geopolítica do séc. I, importante para compreender a missão cristã.



corporações tipo cooperativas. Há muitas inscrições de *purpurarii*, grupos de homens e mulheres, que assim se organizavam e que viajavam em conjunto. Essas cooperativas eram chamadas de *collegia* e *óikos* “casa”. Desta forma, entender automaticamente o termo ‘casa’ – sempre quando aparece no Novo Testamento e principalmente no contexto batismal – como ‘família’ é um equívoco, na medida em que pensamos em família nuclear, heteronormativa, composta por pai, mãe e crianças... Usar tais textos (ver também At 10,48; 16,33) para argumentar batismo de criança é, portanto, outro equívoco.

Essas casas-cooperativas cuidavam não apenas das questões profissionais, como produção, venda, viagens, sobrevivência do grupo, mas também das questões religiosas, da espiritualidade, como por exemplo o enterro de pessoas associadas e de parentes, das celebrações cúlticas etc. Tais grupos profissionais professavam a mesma fé, sendo que interesses econômicos estavam ligados à religião e à espiritualidade, e tinham uma liderança que cuidava de todos esses interesses de classe e religião. Trata-se de grande número de pessoas que trabalhavam para viver, e o faziam em conjunto, interconectando suas várias dimensões de vida. Essa forma de organização está testemunhada em muitas inscrições antigas. É o que também temos registrado aqui em At 16,11-15.40.

Sem dúvida, com esses dados da pesquisa, é preciso descolonizar comentários e interpretações que continuam insistindo que Lídia tivesse sido a primeira mulher europeia convertida ao cristianismo, ou a primeira mulher convertida em solo europeu, que ela era rica, algo como uma importadora-exportadora de produtos de luxo, e que tinha muitas escravas, tudo herdado de seu falecido marido... Realmente, Macedônia, onde Filipos era uma colônia romana, não era parte da Europa naquele tempo, e Lídia nunca foi europeia rica!

Assim como vimos acerca do termo *proseuché*, também o termo *porfyrópolis* permite entender nosso texto como fonte histórica para reconstrução de histórias de mulheres que trabalhavam e produziam, e, para venda de sua produção, viajavam nas estradas pelas quais também transitavam missionárias e missionários cristãos.

Dessa forma e com base em análise histórico-social, temos o **terceiro resultado**: esse grupo de mulheres sob a liderança de Lídia era uma cooperativa-casa que trabalhava com manufatura de fios, tecidos e roupas com tinturas vegetais purpúreas e que, para a venda de seus produtos, também viajava pelas antigas estradas persas e greco-romanas. Assim, chegaram à colônia romana de Filipos, e não é possível saber quanto tempo ali ficaram...<sup>7</sup>

---

<sup>7</sup> Em todo caso, a presença ativa e protagonista de mulheres na igreja em Filipos já estava registrada pelo apóstolo Paulo, que admoesta Evódia e Síntique a serem unânimes em sua atuação (Fp 4,2). De Lídia, não se sabe por meio de Paulo; há tentativas de entender o nome Evódia como contendo raízes do nome Lídia, o que considero pouco provável.



## Abrindo caminhos por trilhas seguras

Este texto, que teve como lema-convite “Entrem e permaneçam na minha casa!” por ocasião da celebração dos 40 anos de ordenação ao ministério feminino na IECLB, oportunizou compartilhar pesquisas feitas há anos, devidamente registradas por meio de publicações e relatórios. Considero essas pesquisas como trilhas seguras, que não apenas indicam resultados exegéticos e histórico-sociais, mas igualmente, em perspectiva hermenêutica feminista, permitem reconstruirmos nossa caminhada a exemplo de Lídia, com a qual milhares de mulheres podemos nos identificar ou que podemos tomar como referência.

Lídia e seu grupo de mulheres formavam uma casa-cooperativa de trabalhadoras do ramo manufatureiro de fios, tecidos e roupas de cor purpúrea extraída de vegetais, e viviam desse seu trabalho. Elas eram migrantes asiáticas que vendiam seus produtos nos lugares em que fixavam morada por algum tempo. Eram tementes a Deus que praticavam a religião judaica, também em cultos sinagogais sabáticos, e por meio da diaconia missionária de Paulo e Silas, acolheram a Palavra anunciada e foram batizadas, declarando sua fidelidade ao Senhor Jesus.

E é exatamente nesse ponto – por causa dessa fidelidade ao Senhor Jesus – que retornamos ao início do nosso estudo, indo um passo além: “Tendo entrado em minha casa, permanecei! **E ela nos forçou.**” Acerca do método utilizado para que Paulo e Silas permanecessem na casa, podemos pensar em várias hipóteses: Lídia teve que forçar a barra, porque Paulo e Silas eram judeus e que seria estranho se hospedarem na casa de mulheres..., mas lembro que Jesus se hospedou na casa de Marta e de Maria. Comentaristas também dizem que Lídia forçou a barra, porque ela teria sido uma madame que não admitia ser contrariada...

Contudo, penso que exegeticamente mais verossímil e contextualmente mais coerente é considerar que, na função que Lídia tinha, ela conhecia bem a situação e as condições sociopolíticas naquela colônia romana, e sabia dos perigos que judeus – cristãos – corriam naquela miniatura de Roma. É exatamente isso que se revelará na próxima perícopes, quando Paulo e Silas sofrem tortura e prisão por parte dos militares romanos, por não observarem a ordem e os costumes romanos (16,19-20). Nesse contexto, o convite “entrai em minha casa e permanecei” não significa apenas hospedar no sentido de dar cama e comida. Significa dar proteção enquanto as pessoas hospedadas estão no contexto da casa, de ser *prostátis* “protetora” como também foi a diácona Febe em relação à Paulo (Rm 16,1-2), garantir a segurança de quem está na casa, responder por essas pessoas frente às autoridades. Significa, enfim, **dar asilo** em situações de perigo iminente. Como podemos entender isso dessa maneira e chegar a essa conclusão?

O termo aqui utilizado “nos forçou” ou “constrangeu” / *parabiádzomai* aparece apenas mais uma vez no NT, na narrativa de Emaús (Lc 24,29), quando o ressurreto, ainda não reconhecido pelos discípulos e discípulas, foi forçado a entrar na casa onde estavam. O contexto do assassinato



de Jesus e as pesquisas históricas demonstram que era proibido a pessoas conhecidas se aproximarem do local de execução – inclusive para mulheres!, o que mostra a enorme coragem e ousadia das mulheres que de longe observaram a execução e depois se dirigiram ao sepulcro – e que era perigoso circular pela região, porque, sendo, pegas em flagrantes, poderiam ter o mesmo fim... Por causa, pois, dos perigos decorrentes do ‘sumiço’ do crucificado e da articulação dos sobreviventes considerados criminosos pelo sistema romano de dominação é que o ressurreto “foi forçado” a entrar na casa onde se reuniam os discípulos e discípulas após a execução e ressurreição de Jesus.

Esse contexto de extremo perigo mostra que, no uso do termo *parabiádzomai* trata-se, portanto, de uma necessária insistência para que pessoas expostas a perigo político iminente estejam protegidas no espaço da casa de quem convida e hospeda. Essa insistência que força alguém a permanecer na casa é uma demonstração da fidelidade ao Senhor Jesus, no sentido de não entregar as pessoas hospedadas às autoridades que servem a outros senhores, no caso, às autoridades políticas e militares da colônia romana de Filipos.

Lídia e a igreja que agora se reúne na sua casa são exemplo daquilo que Jesus proferiu: “não se pode servir a dois senhores” (Mt 6,24; 6,21). Lídia, na sua função de líder profissional e religiosa, agora líder de uma casa-igreja, quer garantir proteção aos missionários que se encontram frente à iminente situação de perigo político-militar por causa de sua fé e de sua ação que não corresponde à ordem e aos costumes romanos (At 16,20-21).

O ministério missionário de Paulo e de Silas resultou numa primeira igreja doméstica em território macedônico, que se reunia na casa de mulheres trabalhadoras, migrantes asiáticas, que assumiram o risco de hospedar outras pessoas migrantes que iminentemente corriam o risco de serem perseguidas pelo sistema político e militar romano. Durante os dias que Paulo e Silas permaneceram em Filipos, essa igreja continuou fazendo missão e teve adesão de mais pessoas, entre elas também homens. É o que se observa na afirmação de At 16,40: “[...] dirigiram-se para a casa de Lídia e, após encorajarem as irmãs e os irmãos (*adelfói*), partiram.”

A igreja-casa, sob a liderança de Lídia de Tiatira – hoje diríamos se tratar de ministério diaconal, missionário, catequético e pastoral<sup>8</sup> – que se colocou à disposição para abrigar pessoas migrantes, estrangeiras, viajantes etc. frente aos iminentes perigos políticos e militares naquela colônia romana, foi tomada como modelo para refletir sobre a ‘nossa casa’ nessa comemoração dos 40 anos de ministério ordenado de mulheres na IECLB. Não se trata, pois, de simplesmente chamar, convidar e reunir gente para conversar, tomar chá, café ou chimarrão. Trata-se de abrir a

---

<sup>8</sup> As igrejas que se reuniam nas casas de mulheres, como também de Praxedes, em Roma, eram organizadas e ‘atendidas’ em todas as formas ministeriais reconhecidas por nós, atualmente. Praxedes batizava, organizava diaconia às pessoas empobrecidas, acolhia doentes etc. Ver RICHTER REIMER, Ivoni. **Santa Praxedes**: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2016.



casa-igreja para gente ameaçada por preconceitos, gente estrangeira, migrante, gente sem casa e sem terra, gente sem amor e sem cuidado... e com elas também tomar chá, café ou chimarrão e conversar bastante! Tomar a igreja que se reúne na casa de Lídia como modelo para nosso ministério ordenado é um ato valente e um testemunho que desafia e simultaneamente encoraja para vivermos cotidianamente a nossa fidelidade/fé ao Senhor Jesus. Contar com o apoio solidário de outras 'casas' é importante para sustentar essa caminhada. É nesse caminhar e nessas trilhas que a *Ruah* divina atua em nós e por meio de nós, assim como também o fez com e por meio de Lídia, nossa irmã de Tiatira.

Por fim, trabalhamos em conjunto no Encontro, e deixo aqui as questões para continuar refletindo em relação aos nossos ministérios ordenados como 'casa comum':

- Onde está a nossa casa? Como está a nossa casa? Como nos sentimos nessa casa? Quem faz parte dessa casa? O que fazemos nessa casa? Como cuidamos da nossa casa?
- Como estão as relações nessa nossa casa? Há conflitos e como lidamos com eles? Há equidade de gênero, etnia, classe e idade na nossa casa?
- Quais são pontos fortes e pontos frágeis na nossa casa? Quais são alegrias que podemos partilhar? Quais são preocupações e decepções?
- Quem nós queremos convidar para entrar e permanecer na nossa casa? O que temos a oferecer?

## Referências

NESTLE, Erwin; ALAND, Barbara et Kurt. **Novum Testamentum Graece**. 28. ed. Stuttgart: Deutsche Bibelgesellschaft, 2013.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Women in the Acts of the Apostles: a feminist liberation perspective**. Translated by Linda M. Maloney. Minneapolis: Fortress Press, 1995.

RICHTER REIMER, Ivoni. Aspectos Geopolíticos y Socioculturales en Hechos 16. **RIBLA – Revista de Interpretación Bíblica Latinoamericana**, Quito, v. 72, p. 135-151, 2015.

RICHTER REIMER, Ivoni. **Santa Praxedes: uma jovem com funções eclesiais e sociais em Roma**. Goiânia: Ed. da PUC Goiás, 2016.

SCHOTTROFF, Luise; SCHROER, Silvia; WACKER, Marie-Theres. **Exegese Feminista: resultados de pesquisas bíblicas a partir da perspectiva de mulheres**. Tradução de Monika Ottermann. São Leopoldo: Sinodal; CEBI; São Paulo: ASTE, 2008.

**Recebido em:** 15 dez. 2022.

**Aceito em:** 06 jan. 2023.